

Raoni e Sting dão 'show' de exotismo pela Amazônia



France Presse

O apresentador da televisão francesa conversa com cacique Raoni antes do programa em defesa da floresta amazônica

CAIO TÚLIO COSTA

De Paris

Foi um espetáculo para europeu nenhum botar defeito. O cacique Raoni envergou seu cocar de penas azuis e vermelhas, pintou-se para a guerra e exibiu o lábio inferior alargado pelo batoque, incrustado desde a infância para dar coragem nos combates. Closes de seu rosto dominaram por dez minutos e quinze segundos o jornal noturno de maior audiência da televisão francesa. "E por isso que vim aqui, avisar todo mundo, que quando esse mato acabá num vai sê só nós índio que vai acabá, branco vai acabá tamém."

O cacique brasileiro Raoni e o cantor britânico Sting ocuparam a noite dos franceses. Sting rebocou Raoni até a França para divulgar uma campanha internacional de arrecadação de fundos para a "demarcação" de uma reserva florestal no seio da floresta amazônica. Ele lança ao mesmo tempo a Associação para a Mata Virgem, uma entidade que vai gerir os fundos pró-amazônia. Numa mensagem televisiva gravada por antecipação, Sting afirma que o "pulmão do mundo" está em "perigo de morte", dá números, "a floresta virgem está sendo destruída ao ritmo de 61 campos de futebol por minuto", e apela: "Estou muito inquieto por nossas crianças."

Raoni deu entrevista exclusiva no jornal das 20h da TF-1 (a Televisão Francesa 1, privatizada no ano retrasado). Em seguida acompanhou Sting no programa "Sacrée Soirée" (Noitada sagrada), animado por Jean-Pierre Foucault, que os franceses tratam por Janpiéérrre. Trata-se de uma espécie de Gugu Liberato quarentão. Ele apresenta cantores, faz entrevistas e distribui prêmios quando o telespectador adivinha, por telefone, uma cifra exibida no início do programa. A de ontem tinha "os números da vida" de Sting, 04.11.00. Ninguém explicou o significado.

A grande mistificação da noite ficou por conta da mensagem gravada de Sting e depois repetida no programa. No seu "clip", o cantor mostra três mapas da América do Sul. No primeiro, que seria uma imagem de 1900, todo o Brasil aparece pintado de verde. Ele diz que tudo aquilo era a floresta amazônica. No segundo mapa ele mostra a mancha verde da Amazônia atual (que todos conhecem). O terceiro mapa é o do Brasil de 2020, amarelo, sem manchas verdes. "Vai ser o Saara se a devastação continuar", diz.

Raoni foi guindado até a frente destes mapas e repetiu três vezes, em francês: "Aidez-nous", ou ajudem-nos, como lhe ensinaram. Jean-Pierre, o apresentador, estava eufórico. Queria saber como introduzir Raoni. "Um presidente de tribo? Um grande chefe? Um rei?" Foi informado pelo cineasta francês Jean-Pierre Dutilleux que Raoni é

um "pagé, um xamã, um mágico". Jean-Pierre se espantou: "Um feiticeiro também?" E providenciou o encontro de Raoni com um sioux, o pagé americano Red Croe, que cantou e benzeu Raoni e os presentes com a fumaça de seu cachimbo.

As palavras de Raoni foram traduzidas, tanto no jornal quanto no programa de auditório, pelo cineasta Dutilleux. Foi ele quem levou Sting para a Amazônia, apresentou-o para Raoni, co-realizou os documentários que a emissora está levando ao ar e co-escreveu o livro "Mata Virgem", que a fundação de Sting está lançando no mercado francês.

Além do drama da floresta amazônica, o batoque de Raoni também incomodou. Todos pediram explicações. Queriam saber se ele tirava de vez em quando o "plateau" do beijo inferior. Raoni explicou por duas vezes —um tanto entediado porque todos os franceses devem ter-lhe feito a mesma pergunta— que aquilo

era uma coisa de seus avós e que os índios de sua terra o colocam para mostrar coragem nas guerras. Garantiu que a coisa não o incomoda e nunca o tira.

A sua presença na televisão foi anunciada no jornal das 20h como algo "excepcional". Repetiram uma falsa informação dada na véspera: "Raoni deixa pela primeira vez sua floresta Amazônica para dar um grito de alarme no ocidente". O exagero do exótico também não podia faltar. O cineasta Dutilleux foi apresentado como um apaixonado da causa dos índios brasileiros e cumpria as funções de tradutor porque "fala a língua de Raoni, o caiapó". Os dois conversaram em português.

Raoni pediu ajuda para salvar a floresta mas não fez concessões ao ocidente: "Eu vi tanto rio que o branco tá estragando. Anteontem vi também na cidade de vocês que rio está sujo também." Dutilleux tradu-

ziu o sujo por "poluído". Do presidente François Mitterrand, com quem esteve na véspera, ele gostou: "ele falou pra mim como meu pensamento. Homem inteligente, homem importante para vocês aqui. Vai ajudar comigo para demarcar terra, gostei palavra dele". O âncora da TF-1, Patrick Poivre D'Arvor, um galã semi-careca, tentou arrancar de Raoni a "primeira impressão". O cacique ficou mudo. Poivre "revelou" então que Raoni se impressionou com as árvores desfolhadas pelo inverno, achou-as mortas.

Como não podia deixar de ser, a maior personalidade do Brasil no exterior, Pelé, esteve de certa forma presente nesta noite de beneficência amazônica. Enviou à Associação Mata Virgem uma litografia assinada por ele onde aparecem umas pombinhas brancas ("pombas da paz", segundo Jean Pierre Foucault) revoando em torno de uma mancha verde.